



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS  
CURSO PSICOLOGIA**

**O ESTUDO DAS RELAÇÕES SUBJETIVAS ENTRE OS  
PAIS E O BEBÊ**

JOANA ABBOTT

Brasília-DF  
Novembro, 2005

**Joana Abbott**

**O ESTUDO DAS RELAÇÕES SUBJETIVAS ENTRE OS  
PAIS E O BEBÊ**

Monografia apresentada como  
requisito para a conclusão do curso de  
Psicologia do UniCEUB – Centro  
Universitário de Brasília  
Professor Orientador: Fernando Luis  
González Rey.

Brasília-DF, Novembro de 2005

## DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia aos meus pais, Lia e Hélio, pelo esforço na construção da família, a qual formou tudo o que sou hoje e principalmente a profissional que me tornei. Ao meu noivo Leandro pelo amor, compreensão e paciência nos momentos de desespero ao longo de toda construção deste trabalho. As minhas amigas de faculdade, que por estarem passando pelo mesmo momento de conclusão de curso compreenderam as minhas apreensões e incentivaram a minha produção. À mãe entrevistada pela disposição em abrir um pouco de sua história e pela confiança no meu trabalho.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus pelas dificuldades e sucessos ao longo destes cinco anos. Aos meus pais pela dedicação pessoal na conquista dos meus sonhos e pela força nos momentos em que imaginei não ser capaz. A minha irmã Bianca, que embora nem imagine me ensinou o quão importante é viver. Ao meu irmão Bernardo e minha cunhada Larissa por gerarem minhas fontes de inspiração e energia, Nathália, Caroline e Felipe. Ao Leandro, meu noivo, por muitas vezes apenas se fazer presente e compreender tudo o que eu sentia com apenas um olhar. Amo todos vocês. Aos amigos por compreenderem minha ausência, e muitas vezes ouvirem minhas reclamações com calma e paciência. Ao meu padrinho Fred pela colaboração e revisão do texto final. Aos mestres principalmente, ao Professor – Doutor Fernando Luis González Rey, por ter acreditado em meu potencial, mesmo quando me sentia desmotivada. Obrigada a todos.

## **EPIGRAFE**

**“O bebê não existe sozinho: é essencialmente parte de uma relação”.**  
**Donald Winnicott**

## SUMÁRIO

Resumo.....	7
Abstract.....	8
Introdução.....	9

### **CAPÍTULO TEÓRICO**

1. A subjetividade em relação a uma perspectiva complexa.....	11
2. A natureza do vínculo.....	13
2.1 A construção do bebê imaginário.....	14
2.2 A gravidez e o feto real.....	17
2.3 O recém nascido de fato.....	19
3. O papel do pai na formação do vínculo.....	21
4. Contextualização.....	23

### **CAPÍTULO METODOLÓGICO**

1. Epistemologia Qualitativa.....	24
2. Cenário da pesquisa.....	27
3. Instrumentos.....	27
3.1 Complemento de frases.....	28
3.2 Conversação.....	29
4. Definição dos sujeitos participantes.....	30
5. Desenvolvimento da construção da informação.....	30
5.1 Indicadores.....	31
5.2 Núcleos Temáticos.....	32

### **CAPÍTULO EMPÍRICO**

1. Lógica Configuracional.....	33
2. A legitimidade do curso de pesquisa.....	34
3. Apresentação do caso.....	34
4. Discussão dos resultados/ Unidade de análise.....	37
4.1 Núcleos Temáticos.....	50
5. Considerações Finais.....	51

Anexos.....	53
Apêndices.....	61
Referências Bibliográficas.....	63

## **RESUMO**

O presente trabalho trata das relações estabelecidas muito precocemente entre pais e filhos e da influência da subjetividade dos pais na construção do vínculo com o bebê. Os pais, muito antes de se tornarem pais, na sua infância estabelecem diferentes vínculos, tanto com seus próprios pais como com pessoas próximas. É esse círculo de relações o responsável pela subjetividade individual. Por sua vez, quando se tornam pais toda essa gama de relações exerce influência na forma como esse bebê vai ser recebido, aceito, tratado. À medida que a gravidez vai se desenvolvendo, outro bebê vai sendo construído no imaginário dos pais, o feto real. Após o nascimento então o bebê subjetivo, o feto real e o bebê de fato, unem-se de forma a permear as relações dos pais com este bebê. Para o estudo deste campo da subjetividade foi utilizada a epistemologia qualitativa, um método que facilita a expressão das configurações subjetivas do indivíduo.

Palavras-chave: subjetividade, pesquisa qualitativa, interações imaginárias, vínculo.

## **ABSTRACT**

This text deals with relations established very early between parents and children and with the influence of parents' subjectivity in building their bond with the baby. These parents, long before becoming parents, establish in their youth different bonds with their own parents as well as with persons close to them. It is this circle of relations that is responsible for their individual subjectivity. When they become parents, on their turn, all of these relations influence how their baby will be received, accepted and treated. While pregnancy is going on, another baby is progressively built in the imagination of its parents, the real foetus. After birth the subjective baby, the real foetus and the real baby fuse in a way that they permeate the parents' relations with the baby. In the study of this field of subjectivity was used qualitative epistemology, a method that facilitates the expression of the subjective configurations of the individual.

Key-words – subjectivity, qualitative research, imaginary interaction, bonding.

## INTRODUÇÃO

Elaboramos o presente estudo partindo do princípio de que as configurações subjetivas que irão permear a relação pais e filhos antecedem a concepção das crianças e que estas mesmas configurações influenciarão na maneira como estes pequenos seres humanos irão se relacionar com o mundo e consigo mesmos. A notícia da chegada de um bebê pode ser para os pais a grande realização de um sonho e ao mesmo tempo a vivência de uma angústia interminável devido ao momento atual em que o sujeito vive e/ou as relações estabelecidas no passado com a maternidade e a paternidade. Já o período de gestação possibilita o início da construção da relação afetiva entre pais e bebê, principalmente da mãe com o bebê. A qualidade deste vínculo é que será responsável pelo desenvolvimento psíquico, emocional e social da criança após o nascimento. O nascimento é a concretização deste laço afetivo, onde finalmente se pode colocar nos braços aquele bebê responsável por tantas alegrias e ao mesmo tempo por tantos medos. A compreensão da subjetividade intrínseca a esse processo pelo qual passa o casal é útil para o tratamento clínico de crianças, possibilitando ao psicólogo infantil compreender muitas vezes a queixa trazida ao consultório pelos pais.

A autora do presente estudo escolheu este tema devido ao desejo de trabalhar com crianças em consultório, e acreditar que para tal é necessário à compreensão de todo o desenvolvimento infantil. Portanto, resolveu começar por onde ela acredita ser o começo deste desenvolvimento, a relação subjetiva entre pais e filhos, partindo da seguinte idéia trazida por González Rey (2002, p. 38): “o sujeito é histórico, uma vez que sua constituição subjetiva atual representa a síntese subjetivada de sua história pessoal (...)”, a subjetividade individual do bebê começa a ser construída através da subjetividade dos cuidadores do bebê, e em todo o cenário subjetivo que o bebê será inserido após a concepção, geração e nascimento.

No capítulo teórico será realizada uma revisão bibliográfica acerca do conceito de subjetividade. Ampliando a compreensão a respeito do surgimento do novo paradigma que permeará o estudo, a natureza do vínculo é tratada de forma a configurar a relação estabelecida entre mãe e filho e finalmente a construção do bebê imaginário, do feto real e do recém-nascido de fato, que leva à configuração do cenário subjetivo em que o bebê é envolvido muito antes de nascer. Por fim a autora trata do papel do pai na formação do vínculo, mostrando a importância do homem neste momento que parece ser só da mulher.

No capítulo metodológico serão apresentados aspectos da metodologia que fundamentará a pesquisa, o que faz a revisão teórica da Epistemologia Qualitativa imprescindível. Nesta revisão serão tratados aspectos do cenário de pesquisa, instrumentais, dos sujeitos participantes e da construção da informação.

O capítulo empírico é o momento da pesquisa, no qual serão apresentados aspectos do estudo de caso e das configurações subjetivas deste, ou seja a construção da informação, que será responsável pela produção do conhecimento.

## CAPÍTULO TEORICO

### 1. A SUBJETIVIDADE EM RELAÇÃO A UMA PERSPECTIVA COMPLEXA

Em torno do século XVII até meados do século XX, o paradigma da modernidade era o grande modelo europeu. Ele se sustentava em dois pilares: a razão e o progresso. Acreditava-se com base na corrente de pensamento positivista, que teve como grande representante Emile Durkheim (1858-1917), que a sociedade progredia de uma forma linear e que a razão detinha o poder absoluto em conhecer a realidade e transpô-la para as leis naturais. Assim como no Behaviorismo radical, Durkheim de uma forma evolucionista acreditava na ciência experimental, baseada na observação, experimentação e aplicação dos fatos sociais para chegar a grandes leis.

Novos paradigmas denominados de pós-modernos vêm romper com esta visão objetiva e racional, trazendo novas concepções a respeito da ciência e da natureza, do progresso e das verdades absolutas do positivismo. Quanto à verdade absoluta, Morin (1998) apud Quaresma (2005) aponta que “a crença numa verdade absoluta provoca a cegueira do conhecimento e racionalização”. Com a quebra de barreiras disciplinares tornou-se possível dar novas direções ao antigo paradigma, não negando a existência ou a importância dos fenômenos sociais, mas sim enfatizando a necessidade do conhecimento das intenções e motivações do indivíduo que vivencia certas situações sociais.

A subjetividade e as relações sociais organizam-se a partir dos mananciais sociais, da cultura e da ciência que envolvem o indivíduo desde muito cedo, e fazem com que este adquira formas de compreender e participar, metáforas e parâmetros, eixos cognitivos e destrezas específicas, que por conseqüência vão configurando a visão do indivíduo a respeito do passado, presente e futuro. Para Gergen (1985) apud Schnitman (1996) :

*Tanto a ciência como a cultura são processos construtores de e construídos por processos sociais. O grau em que uma forma de compreensão prevalece ou se sustenta no tempo não depende exclusivamente da validade empírica da perspectiva em questão, mas também de um conjunto de processos sociais que incorporam a comunicação, a negociação, o conflito e a retórica (p.11).*

Nesta citação Gergen afirma que tanto as ciências quanto a cultura são construídas a partir das relações sociais e ao mesmo tempo constróem estas mesmas relações, e isso ressalta não só porque pode ser comprovado empiricamente mas também pelo valor da discussão e importância que tem para o sujeito e também para as relações sociais. Sob este aspecto Edgar Morin (1996) diz:

*O indivíduo é, evidentemente, um produto; é o produto, como ocorre com todos os seres sexuados, do encontro entre um espermatozóide e um óvulo, ou seja, de um processo de reprodução. Mas esse produto é, ele mesmo, produtor no processo que concerne à sua progenitura; somos produtos e produtores, num ciclo rotativo da vida. Desse modo a sociedade é, sem dúvida, o produto das interações entre indivíduos. Essas interações, por sua vez, criam uma organização que tem qualidades próprias, em particular a linguagem e a cultura. E essas mesmas qualidades retroatuam sobre os indivíduos desde que vêm ao mundo, dando-lhes linguagem, cultura, etc. Isso significa que os indivíduos produzem a sociedade, que produz os indivíduos. (p.47-48)*

Desta forma a relação que é estabelecida desde muito cedo entre pais e filhos, também é produto, produto das interações entre estes pais e o meio. Os pais desde muito pequenos sofrem influência do meio e influenciam da mesma forma este meio. A partir daí vão construindo suas particularidades, individualidades. Estes pais produzidos pela sociedade serão o primeiro elo entre a sociedade, cultura e linguagem para seus filhos, serão eles os transmissores de todos esses preceitos. Além disto todas as relações afetivas e emocionais vivenciadas por estes pais serão revividas nesta nova relação entre bebê e adulto. Daí a importância do estudo destas relações, onde se dá o primeiro contato do indivíduo com sua cultura e linguagem.

Este estudo do significado particular e subjetivo que a criança tem para o pai e/ou a mãe visa ampliar o entendimento dos desvios das interações e dar apoio ao desenvolvimento sadio. Segundo Hide (1976) apud Cramer e Brazelton (1992) “a opinião de uma pessoa sobre um relacionamento pode ser mais importante que a interação propriamente dita” (p.157).

## 2. A NATUREZA DO VÍNCULO

Segundo o Dicionário Aurélio, vínculo é tudo o que ata, liga ou une, referente à ligação ou relação. Neste sentido o termo vínculo será utilizado neste estudo como sendo uma forte ligação que se estabelece desde a concepção entre a mãe e seu filho.

Bowlby (2002, p. 220) conta que até 1958 podiam ser encontradas na literatura psicanalítica e psicológica quatro teorias principais sobre a natureza e origem do vínculo infantil, a primeira chamada de teoria do impulso secundário, afirma que o bebê se aproxima da mãe para ter as necessidades fisiológicas, como alimentação e conforto, satisfeitas; a segunda conta que a necessidade do bebê em sugar o seio é inata, e por isso ele se aproxima da figura humana. Esta é chamada de teoria de sucção do objeto primário; para a terceira teoria, o bebê nasce com uma tendência ao contato físico intenso com o ser humano, sendo chamada de teoria de adesão ao objeto primário; e a teoria do anseio primário de retorno ao ventre diz que os bebês se ressentem da expulsão do ventre e estabelecem o vínculo em busca de retornar ao útero materno.

Diante de revisões e estudos críticos, Bowlby constrói uma nova hipótese acerca da natureza do vínculo e a apresenta com base na teoria do comportamento instintivo. Sob este aspecto percebe-se que ele acredita apenas na função biológica, e que todo ser humano segue o instinto de preservação, onde se aproxima do animal da mesma espécie e repele o que lhe é estranho. É como se essa tendência inata do apego tivesse a função de proteção da espécie, porém a maioria dos estudiosos acredita que o vínculo nasce do instinto sim, mas não desconsideram a subjetividade envolvida neste processo, neste caso cabe citar Klaus (1993) apud Nóbrega (2005):

*Existe um período sensitivo que une a mãe ao bebê, o qual parece iniciar e estimular a operação de mecanismos sensoriais, hormonais, fisiológicos, imunológicos e comportamentais que vinculam a mãe ao bebê. Há evidências de que a mãe apresenta um conjunto de comportamentos ordenados e previsíveis quando entra em contato pela primeira vez com seu recém nascido, concluindo que existem padrões específicos de toque presentes nos humanos (p.14).*

Desta forma a relação estabelecida entre mãe e filho é percebida de maneira a englobar todos os aspectos do indivíduo, sem deixar de lado nem o subjetivo, nem o instintivo, que não se pode negar presentes no comportamento humano. O estudo das relações entre pais e filhos se faz importante por ser o primeiro contato do indivíduo com as normas da sociedade, a cultura e a linguagem, já tratado no item anterior. A formação do vínculo inicial é de suma importância para o desenvolvimento saudável da criança. É a partir daí que o indivíduo, através da identificação estabelecerá primeiramente a consciência de si mesmo, e posteriormente de si com o mundo.

A gravidez possibilita aos pais uma dinâmica de enriquecimento e crescimento única. Sendo pais, esse homem e essa mulher estabelecerão relações diferentes com os próprios pais, deixando de encenar o papel de filhos e vendo o papel dos pais de igual pra igual. Da união destes desejos, maternos e paternos, nascerá uma criança que consciente ou não viverá diante das configurações de sua concepção, dos desejos e planos de seus pais. A natureza deste vínculo é composta por três bebês diferentes, o imaginário, o feto e o recém nascido.

## **2.1 A CONSTRUÇÃO DO BEBÊ IMAGINÁRIO**

Acredita-se que o desejo de ter um bebê é natural nos seres humanos. Seria até questão de preservação da espécie. A mulher sonha com seu bebê muito antes de estar grávida, de forma a se preparar para esse momento, e são estas experiências passadas que possibilitam tanto para o pai quanto para a mãe que se organizem psicologicamente a fim de estabelecer o vínculo adequado. Através de fantasias, medos e ideais da infância, os pais adquirirão a sensibilidade necessária para a construção deste vínculo, relação primordial para a saúde do bebê. Desta forma cabe citar Cramer e Bazelon (1992):

*Chamamos as interpretações subjetivas que os pais fazem de sua relação com os filhos de “interações imaginárias”. Estas se desenvolvem a partir das fantasias dos pais a respeito de si mesmos, de seus parentes mais próximos, de seus ideais e seus medos, fantasias essas que se originaram em seu próprio período de infância. O bebê recém nascido reacenderá algumas destas fantasias e, portanto, desde o nascimento, será incluído em roteiros imaginários já encenados em épocas passadas (p.155)*

Pode-se facilmente perceber a formação das interações subjetivas nos pais, através dos relatos dos mesmos a respeito da criança, de como se sentem diante da maternidade e da paternidade, e de forma geral através da vida emocional deles. Quanto às contribuições do bebê, esbarra-se num empecilho. Afinal ele só expressa seus sentimentos verbalmente por volta dos dois anos, muitas vezes então, é necessário inferir através dos sintomas e comportamento do bebê a sua contribuição subjetiva.

As mães e os pais costumam atribuir uma rede de significados a tudo que o bebê faz, durante a gravidez e após o nascimento. As experiências que tiveram com os próprios pais, a vivência e a solução do conflito edipiano e a separação dos pais em busca de autonomia, são exemplos da construção dos desejos e fantasias que esses adultos terão a respeito da maternidade e da paternidade, e que influenciará diretamente nas interações subjetivas destes pequenos infantes. Tudo isso constrói o que se chama de bebê imaginário.

O desejo da mulher em ter um filho pode significar muitas realizações de cunho pessoal, e essas realizações não necessariamente precisam ser distintas das de seu marido e futuro pai, elas acabam se entrelaçando. Desejos paternos e maternos formam uma única teia subjetiva, onde o bebê real se vê envolvido. Identificação, sensação de completude, onipotência, fundir-se com o outro, espelha-se, realização de idéias e oportunidades perdidas, renovar antigos relacionamentos, separação e substituição da própria mãe e confirmação da masculinidade são alguns dos motivos em que a mulher e o homem se apóiam (muitas vezes de forma inconsciente) para ter um filho, e estes motivos influem diretamente nas relações imaginárias que se estabelecem entre pais e filhos.

A menina se identifica com a mãe e os cuidados prestados por ela. A partir daí fantasia ocupar a mesma função. Os adultos passam então a reforçar este comportamento quando externalizado através de cuidados com a boneca. Quando for mãe esta mesma menina despenderá os mesmos cuidados com o filho. Já o menino primeiramente se identifica com a função materna e anseia por poder exercer esse papel, até onde ele começa a perceber a figura paterna e se identifica com esse papel da mesma forma; a crescente identificação com o sexo masculino leva ao equilíbrio entre essas forças opostas, masculina e feminina. Este equilíbrio possibilita mais tarde que esse menino enquanto adulto aceite seu papel na criação dos filhos, e se identifique com a esposa grávida. Segundo Cramer e Brazelton (1992, p. 40) “a grande tarefa a ser cumprida pelo

menino em seu trajeto rumo a paternidade é abandonar seu desejo de ser idêntico à mãe e de ter com os filhos a mesma relação que ela teve”. A importância da presença do pai na formação do vínculo poderá ser vista mais detalhadamente nas páginas seguintes.

A gravidez possibilita a sensação de completude, a mulher sente que vive toda a potencialidade de seu corpo, idealiza uma imagem de si mesma como um ser completo, onipotente, duplica-se ou espelha-se na criança que será gerada, isso tudo produz a fantasia que dá vazão ao desejo de ser mãe. Com o menino a sensação de ser completo se dá através do espelhar-se na criança, isso justifica o desejo de tantos homens em terem um filho homem.

O desejo de fundir-se e ser um com o outro, no caso com o bebê, vem acompanhado do desejo de retornar à unidade com a própria mãe, desejo este que é vital no desenvolvimento normal tanto dos homens quanto das mulheres.

Muitas mães e pais podem depositar na criança o poder de realizar aquilo que tanto desejaram e não conquistaram, colocam o peso de se realizarem a si mesmos, como num espelho. Neste caso o desejo desses pais nasce com a necessidade de se auto-satisfazerem; nos homens este desejo pode ser percebido claramente, como uma maneira de assegurar sua imortalidade, quando o filho recebe o nome do pai, avô e etc.

Na fantasia de alguns pais o desejo de ter um filho surge como uma forma de reverter antigas separações, negar a passagem do tempo e eliminar a dor decorrente da morte ou desaparecimento de pessoas queridas.

Especialmente para os homens, o desejo de ter um filho produz o sentimento de confirmação ou alívio das dúvidas de sua masculinidade e a resolução do conflito edipiano, onde o nascimento da criança iguala-o ao pai.

Independente de quaisquer que sejam os motivos que levem os pais a desejarem seu bebê, sabe-se que esses terão parte na qualidade do desenvolvimento do vínculo entre pais e filhos. Nóbrega (2005) diz a este respeito:

*As atitudes, os sentimentos e até os erros cometidos em relação aos filhos são, em grande parte, fruto dos problemas emocionais inconscientes que têm origem na própria infância. Assim, se existem sentimentos inconscientes ou mesmo conscientes não resolvidos em*

*relação à família de origem, eles irão influenciar na forma como este vínculo desenvolver-se-á (p. 15).*

## **2.2 A GRAVIDEZ E O FETO REAL**

A gravidez antigamente era vista pela ciência de forma oculta e misteriosa. Hoje se sabe que existe uma comunicação fisiológica e emocional entre mãe e bebê, sabedoria esta que há muito já era sentida pelas mães e seus filhos. A ciência se aprofundou e sabe que o bebê é capaz de reconhecer sons que foram presentes durante sua vida intra-uterina, enxergar e imitar expressões dos adultos, após o nascimento. O que antes era duvidado e até repellido pela ciência, hoje é objeto de muitos estudos. A boa relação e os estímulos despendidos ao feto, principalmente pela mãe, são responsáveis pela qualidade da relação após o nascimento.

A notícia da gravidez da mulher e da chegada de um filho, seja ele o primogênito ou não, desejado ou não, planejado ou não, traz para os futuros pais um misto de emoções. Em alguns casos a primeira emoção é a alegria, a euforia, em outros o desespero, o medo. Independente de qual sentimento vem primeiro, a gravidez além de trazer à tona todos os desejos, medos e ansiedades que foram vividos nas relações entre pais e filhos muito precocemente, como foi visto anteriormente, possibilita que a mulher se prepare psicologicamente para a chegada do bebê, e todo este material subjetivo faz parte da adaptação necessária para este novo papel. Sob este aspecto cabe citar Maldonado (2002) apud Nóbrega (2005):

*A gravidez é um momento de muitas mudanças para a mulher, decorrentes das inter-relações entre fatores hormonais e psicológicos. As vivências neste período são complexas, devendo ser levado em conta a história pessoal da grávida; o contexto em que esta gestação ocorre ; as características de sua evolução; o fator sócio-econômico e o contexto assistencial. Todos estes aspectos irão contribuir, ou não, na aceitação da gravidez e, conseqüentemente, no vínculo com o filho (p. 16).*

Segundo esta citação é importante que se observe, além das primeiras relações dos pais com sua família, a história da mãe, de forma a levantar dados como alguns medos em relação ao

parto, ou exames que deverão ser realizados; se a mãe já sofreu algum tipo de aborto, visto que subjetivamente esse bebê pode ocupar o lugar desse bebê já falecido; a idade dessa mãe, afinal uma mãe adolescente pode não contar com o apoio da família, ou se sentir incapaz de criar uma criança, já a mãe em uma idade avançada corre o risco de ter problemas durante a gravidez ou o bebê pode nascer com alguma anomalia; as condições econômicas também são um fator que pode influir na construção do vínculo, a criança pode crescer carregando o peso de ter mudado a condição financeira daquela família, se sua chegada coincidir com a queda da qualidade de vida da família por qualquer outro motivo; o apoio da família e dos médicos também dão mais segurança para as futuras mães. Todos estes aspectos constituem parte da teia subjetiva em que o bebê é envolvido, juntamente com as considerações do bebê imaginário.

A gravidez, segundo os aspectos psicológicos, pode ser dividida em três estágios: os primeiros três meses vêm acompanhados da adaptação à nova situação, e de algumas mudanças no corpo feminino, mas que ainda não concretizam a existência real do feto. Nesta fase os pais são tomados pela sensação de responsabilidade e se deparam provavelmente pela primeira vez com sentimentos da infância, que serão revividos e superados antes e após o nascimento. Isso faz parte do surgimento da sensação de preparação para educar e criar a criança perfeita.

A chegada do segundo trimestre vem acompanhada dos primeiros movimentos do bebê na barriga, os pais começam a perceber o feto como um indivíduo que irá viver separado da mãe. Com o início desta percepção a mãe coloca-se inconscientemente no lugar do feto e se identifica com o mesmo. Suas fantasias neste momento se baseiam no relacionamento que teve com a própria mãe. Além disso, já é possível saber o sexo do bebê e hoje é bastante comum que os pais queiram saber o sexo de seus bebês antes do nascimento. Passam então a ter consciência da identidade sexual do seu bebê, e essa consciência desencadeia sensações diferentes conforme se trate de um menino ou uma menina. Adotam uma postura diferenciada em relação ao bebê, os cuidados, a maneira como vão conversar com a barriga, e a identificação que desde já vai sendo criada. A cultura já pré-estabelece o modo como uma menina deve ser tratada, e como um menino deve ser cuidado, e a cultura interfere na educação que essas crianças vão receber, o que por sua vez implicará em toda a carga subjetiva que envolve este momento tão marcante e importante na vida do ser humano.

Os três últimos meses possibilitam a individuação da criança, afinal ela já realiza diversos movimentos, tem seu próprio ritmo e níveis de atividade diferenciados de acordo com o dia-a-dia

da mãe e os estímulos que mesmo dentro do útero o bebê é capaz de vivenciar. É nesta fase que os pais começam a se preparar para a chegada do bebê, escolhem o nome e assim vão personificando a criança. A mãe vai interpretando os movimentos e atribuindo características, temperamento e personalidade ao bebê. Assim vão os pais se tornando capazes de colocar-se no lugar do bebê e após o nascimento identificar em, cada momento as necessidades de seu filho, como fome, sono e etc. Sobre isto Wilhelm (2002) apud Nóbrega (2005) diz:

*Os fetos diferem em suas identidades individuais, assim como as pessoas uma das outras e que, portanto, têm uma personalidade marcante e bem definida que se manifesta desde o começo de sua existência intra-uterina, e será a mesma, cujas características os pais irão conhecer logo depois que seu bebê nascer, bem como no decorrer do seu primeiro ano de vida. É no período gestacional que o indivíduo revela seu caráter individual que mais tarde continuará a desenvolver com as mesmas características observadas desde o início (p.31).*

A qualidade da comunicação afetiva durante a gestação possibilita que o bebê reconheça, após o nascimento, alguns estímulos vividos no útero, proporcionando o sentimento de segurança através das batidas do coração de sua mãe, o som da voz materna e paterna também. Isso torna mais fácil a adaptação da criança a essa nova realidade, onde tantos sentimentos novos lhe são apresentados, como cólicas, frio/ calor, alimentação, luminosidade, barulho e etc.

### **2.3 O RECÉM-NASCIDO DE FATO**

É chegado então o momento tão esperado destes longos e difíceis nove meses, pois além das transformações corporais que são vividas, os pais se vêem envolvidos em centenas de questionamentos a respeito de sua capacidade de cumprir esse novo papel. Finalmente poderão ter em seus braços todos os bebês que farão parte desta única criança, o bebê imaginário que foi construído muito antes do corpo poder realmente gerar uma criança, o feto real que foi sendo descoberto ao longo do período de gravidez e o recém-nascido de fato que poderá ou não corresponder a toda esta fantasia, mas que com certeza será coberto com o manto da

subjetividade que sua chegada aflorou. Cramer e Brazelton (1992) trazem o seguinte pensamento a este respeito:

*Para todo pai ou mãe, três bebês diferentes reúnem-se no momento do nascimento. A criança imaginária de seus sonhos e fantasias e o feto invisível, mas real, cujos ritmos e personalidade particulares se foram fazendo cada vez mais evidentes no decorrer da gravidez, nesse momento fundem-se com o recém nascido de fato, que pode ser visto, ouvido e, por fim, pego nos braços (p.3).*

O parto é acompanhado de intensas emoções, e é nesse momento que a mulher deve se sentir inteiramente apoiada, tanto pelo marido, pela família, como por uma equipe médica preparada. Os sentimentos de segurança, confiança e tranqüilidade devem ser transmitidos para a mãe, os quais implicarão na diminuição dos sentimentos de ansiedade, inadequação e preocupação que tomam conta da mulher durante o parto, e conseqüentemente favorecerão desde já a formação do vínculo entre mãe e bebê. Segundo Nóbrega (2005, p.17) desta forma “para a mãe o nascimento é lembrado com prazer e não sofrimento, favorecendo uma maior proximidade com seu bebê, ao associá-lo a uma situação positiva, na qual foi cuidada e compreendida”.

Após o parto começam as interações subjetivas propriamente ditas. Nenhum recém-nascido de fato consegue corresponder a todas as expectativas dos pais, eles têm então que renunciar ao bebê do seu imaginário para amar o bebê real. O bebê por sua vez encena as fantasias e desejos de seus pais buscando suprir as expectativas destes. A psicanálise chamaria de projeção este comportamento de atribuir ao outro o que na verdade pertence a nós mesmos. Esse mecanismo deixa de ser saudável a partir do momento que os pais exageram, tentando moldar o bebê a características que eles próprios sonharam, atrapalhando na construção do vínculo. Todos nascem com características próprias que também devem ser respeitadas e amadas. A projeção é saudável quando os pais enxergam no bebê alguém da mesma espécie, tendo empatia por esta criatura, que foi tão esperada e desejada, mas que não se enquadra ao bebê que vivia no seu imaginário. Esta projeção tem valor de adaptação social. Neste caso cabe citar Dunn (1982) apud Cramer e Brazelton (1992):

*As representações que as crianças fazem de si mesmas são, em grande medida, modeladas pelas expectativas, ideais, predileções e aversões dos pais. Estes valores são transmitidos, em grande parte, por meio de gestos, comentários e ações que revelam à criança como os pais interpretam suas intenções. Por meio deste processo, o bebê aprende a ter intenção (p.158).*

Os bebês, embora não falem durante os primeiros anos de vida, se comunicam com os pais de forma a reforçar e a estimular o desenvolvimento do vínculo já nos primeiros instantes de vida. A maneira como seus sentidos reagem aos estímulos ampliam ainda mais essas primeiras relações. Os bebês informam aos pais quando alguma coisa está bem ou quando não está, e assim através do reforço eles vão se conhecendo. Segundo Brazelton (1988) apud Nóbrega (2005, p. 18) “os pais ao reconhecerem, compreenderem e responderem adequadamente aos sinais do bebê estariam fortalecendo o vínculo entre eles”. Assim também podemos verificar a importância da presença de respostas ou sinais do bebê para a promoção do vínculo.

É a construção do vínculo de maneira positiva o responsável por formar seres humanos mais confiantes e seguros para enfrentar seus problemas no futuro, e principalmente se tornarem pais com condição de estabelecer vínculos afetivos da mesma maneira, ou mais adequados do que aqueles que foram recebidos. Além de que a sobrevivência emocional de um recém-nascido é o espelho do equilíbrio psíquico do restante da família, pois todos assumem uma responsabilidade neste processo. Diante disto cabe citar Osório (1996) apud Nóbrega (2005, p. 53) “a função da família é psicossocial”.

### **3. O PAPEL DO PAI NA FORMAÇÃO DO VÍNCULO**

Com a mulher tendo que ir trabalhar, os papéis dentro da família tiveram de ser reconstruídos. O homem passou a participar mais das tarefas domésticas e principalmente do cuidado com os filhos, dividindo assim as responsabilidades com a mulher. Durante a gravidez e após o parto o pai deve dar apoio, segurança e confiança para a mãe, pois é um momento em que a mulher se encontra frágil e sensível. Esse novo papel do homem na família, possibilitou que a competição natural entre eles começasse mais cedo, tanto da atenção de um pelo outro, como

pelas responsabilidades com os cuidados com o bebê. Encarada de forma natural, essa competição é mais um aliado na formação do vínculo.

Para a mulher, além das mudanças físicas, muitas mudanças psicológicas também tomam conta do período da gravidez, como já foi mencionado acima. No homem a gravidez também é uma oportunidade de adaptação psicológica para a paternidade, é o momento onde se questiona se terá condições de sustentar a família, se terá tempo para brincar com seu filho e dar apoio à mulher em casa. Todos esses questionamentos são responsáveis pela construção desta nova identidade.

Com o nascimento o pai se vê dentro de uma torrente de emoções, ao mesmo tempo em que está alegre por ter seu filho e sua mulher com saúde, ele é tomado mais cedo ou mais tarde pelo sentimento de exclusão. Quando uma criança nasce todas as atenções são voltadas para a mãe e para o bebê, e principalmente a atenção da mulher, agora mãe, é completamente voltada para as necessidades daquele bebezinho tão sonhado pelo casal. O que se espera do pai neste momento é que ele também se preocupe com a mãe e seu bebê mas muitas vezes ele se sente tão culpado pelo que está sentindo, que acaba se afastando e se sentindo responsável por todas as mazelas (náuseas, fadiga, etc.) da mulher. Cramer e Brazelton (1992, p. 44) dizem a este respeito “o futuro pai pode enxergar o bebê como rival que o priva da esposa, assim como, na infância, seu pai ou irmão menor o haviam privado da mãe”. Da mesma forma como a mulher faz uso da sua subjetividade para enfrentar esse novo papel e estabelecer o vínculo necessário para que seu filho se desenvolva da maneira positiva, o homem também revive muitos sentimentos da sua infância e das relações que foram estabelecidas.

Quando o pai participa do processo da gestação e do parto é menos provável que esse sentimento de exclusão seja objeto de preocupação, assim o homem poderá estar preparado para dar o apoio afetivo que a mulher necessita neste momento. Neste caso cabe citar Parke (1986) apud Cramer e Brazelton (1992):

*O processo de gravidez, o parto e a construção do apego são fortemente influenciados pelas atitudes do pai. O apoio emocional do marido durante a gravidez contribui para a melhor adaptação da mulher ao processo de gestação; a presença do pai no parto está associada com*

*uma redução das necessidades de aplicação de sedativos nas mulheres e com a experiência mais positiva do nascimento (p.48).*

Cabe à mulher abrir este espaço de aproximação do pai com o filho. Muitas vezes esta fica com medo de permitir essa aproximação e perder a relação simbiótica com o bebê. Segundo Brazelton e Cramer (1992, p.50) “Quando promovem a constituição de um relacionamento triangular, abrem caminho para o futuro apego da criança. A experiência que a mãe teve do triângulo edipiano influencia as oportunidades que dará à sua criança de aproximar-se do pai”.

Percebe-se então que o desempenho da “mãe suficientemente boa”, como diria Winnicott está atrelado a diversos fatores, como por exemplo os aspectos subjetivos que a mãe e o pai carregam de suas relações na infância, a presença e o apoio do parceiro, dos amigos, familiares e de uma equipe profissional preparada, as condições socioeconômicas e muitos outros fatores não mencionados neste estudo.

#### **4. CONTEXTUALIZAÇÃO**

São apresentados a seguir o tema, o problema e os objetivos que conduziram o curso desta pesquisa.

**TEMA:** O estudo das relações subjetivas entre os pais e o bebê.

**PROBLEMA:** De que forma a subjetividade dos pais a respeito da paternidade e maternidade influencia na formação do vínculo com o bebê.

**OBJETIVOS:**

1. Estudar a configuração subjetiva da paternidade e maternidade.
2. Ampliar o conhecimento na formação inicial do vínculo entre pais e bebê visando à compreensão global da criança.
3. Compreender de que maneira a interação subjetiva pode influenciar na formação do vínculo pais/bebê.

## CÁPITULO METODOLÓGICO

### 1. EPISTEMOLOGIA QUALITATIVA

O método científico é o caminho que os pesquisadores traçam para padronizar seus conhecimentos. Imagina-se então que todos usariam o mesmo método para apresentar suas concepções. Mas ao longo da história os estudiosos conceberam e descreveram diferentes métodos, como os dedutivos e indutivos, ou quantitativos e qualitativos, sintéticos ou analíticos, e ainda muitos outros específicos para cada área do conhecimento.

O método quantitativo segue o paradigma positivista e visa à descrição e ao estabelecimento de correlações matemáticas e causais entre os fatos, através de instrumentos preestabelecidos, aplicados em amostras significativas da população estudada, na busca de padronizar e generalizar os resultados e conclusões, e assim confirmar ou refutar as hipóteses estabelecidas no início da pesquisa.

O método qualitativo busca a compreensão do homem através da fenomenologia, tendo como instrumento de pesquisa o próprio pesquisador e seus sentimentos, através de observações, perguntas abertas e outros instrumentos que possam facilitar que o indivíduo expresse suas configurações subjetivas. As amostras são pequenas e individuais, de forma a fazerem relações entre o significado dos fenômenos para o indivíduo e para a sociedade. Resultados e conclusões são construídos ao longo da pesquisa através das correlações entre o conteúdo trazido pelo sujeito e os problemas levantados no início do trabalho. González Rey (2002, p.69-70) diz que a pesquisa qualitativa difere da quantitativa “por estar orientada à produção de idéias, ao desenvolvimento da teoria, e nela o essencial é a produção de pensamento, não o conjunto de dados sobre os quais se buscam significados de forma despersonalizada na estatística”. É como se na pesquisa quantitativa você inserisse o sujeito dentro de padrões, independente de suas singularidades, pois isso não é significativo para os resultados. Enquanto isso, na qualitativa as particularidades e concepções do sujeito são o que dá legitimidade ao estudo de caso.

A subjetividade individual é construída com a participação direta da sociedade, e o indivíduo, sendo membro constituinte ativo desta mesma sociedade, define também a subjetividade social, ou seja esses dois fenômenos estão integrados, e é isso que a pesquisa qualitativa faz com o subjetivo: observa e estuda ambas as manifestações através do que é trazido pelo sujeito. Sobre isso González Rey (2002) diz:

*Excluir a dimensão individual da subjetividade social leva a ignorar a história do social em sua expressão diferenciada atual, que se expressa nos indivíduos. Negar o indivíduo como singularidade subjetivamente constituída é ignorar a complexidade da subjetividade, a qual se constitui simultaneamente em uma multiplicidade de níveis que podem ser contraditórios entre si, mas de cujo funcionamento dependem os diferentes momentos do desenvolvimento subjetivo. As subjetividades social e individual constituem dois níveis que se integram na definição qualitativa do subjetivo e que, ao mesmo tempo, são momentos constantes de tensão e contradição que atuam como força motriz do desenvolvimento em ambas as instâncias da subjetividade (p.37).*

Segundo a citação anterior, a subjetividade está sempre em constante movimento, tanto a individual quanto a social estão interconectadas e assim complementando uma à outra. Abandonar qualquer uma delas é abrir mão da compreensão global do indivíduo e apresentar resultados e conclusões parciais. Daí a importância da postura do pesquisador qualitativo, em abandonar a postura de cientista, quebrando possíveis barreiras na relação pesquisador/pesquisado. A partir desta a relação se torna mais rica e possibilita a compreensão do homem, seus sentimentos e a forma com que este organiza sua vida cotidiana, sem colocar limites entre o social e o individual. O pesquisador deverá ser capaz de compreender o sujeito e não perder o foco de seu trabalho, interagindo ativamente no campo de trabalho. Segundo González Rey (2002) o pesquisador “não só participa nas relações, mas produz idéias à medida que surgem elementos no cenário de pesquisa, as quais confronta com os sujeitos pesquisados, em um processo que o conduz a novos níveis de produção teórica” (p.57).

Esse diálogo que se estabelece durante a pesquisa é o grande responsável pela qualidade da produção da informação. O pesquisador deve criar um ambiente e uma relação agradável, de forma que a fala do sujeito venha carregada de sua subjetividade, que será o objeto de trabalho. Ele pode ter o auxílio de alguns instrumentos para dar um sentido interativo à pesquisa, de forma que estes instrumentos suscitem novas zonas de sentido. Para a pesquisa qualitativa o instrumento perde sua validade se for utilizado de forma padronizada. O que viabiliza o uso de instrumento é

o conjunto de informações que ele pode suscitar e que em uma conversa cotidiana não aconteceria. González Rey (2002) diz a este respeito:

*Toda pesquisa qualitativa deve implicar o desenvolvimento de um diálogo progressivo e organicamente constituído, como uma das fontes principais de produção de informação. No diálogo se criam climas de segurança, tensão intelectual, interesse e confiança, que favorecem níveis de conceituação da experiência que raramente aparecem de forma espontânea na vida cotidiana. Para se chegar a esses níveis de produção de informação, necessita-se de maturidade e interesse nos sujeitos estudados, os quais só surgem como resultado da maturidade dos processos de comunicação gerados de forma diversa no desenvolvimento da pesquisa (p.56)*

De certa forma a escolha do local onde a pesquisa será realizada viabiliza o surgimento da maturidade e do interesse necessários para a construção adequada do diálogo. Em seu ambiente natural o sujeito se sente mais seguro, estabelecendo o rapport com mais facilidade, trazendo assim em sua fala incontáveis representações subjetivas, Turato (2003, p.250) confirma “a configuração ambiental engloba e preserva as incontáveis características e relações da pessoa”. Isso tudo se faz necessário. Visto que o sentido subjetivo não aparece de forma direta na expressão intencional do sujeito, é função do pesquisador observar todas as dimensões simultaneamente no curso da conversação e da aplicação dos instrumentos, levando os resultados para o desenvolvimento do momento empírico da pesquisa.

A construção da informação neste modelo se dá através de idéias que vão se articulando à reflexão do pesquisador, e a partir delas e de um conjunto de elementos do contexto do sujeito estudado, vão sendo elaborados indicadores que permitem a formulação de hipóteses. Segundo González Rey (2005, p.117) “nesta posição não há nenhuma expectativa de conhecer a realidade tal como ela se apresenta, o que de fato despoja o pesquisador da pressão da verdade como momento final e indiscutível de uma pesquisa”. Esta liberdade de representação de aspectos da realidade proporciona a construção de modelos teóricos que abrangem tanto aspectos de organização como de processualidade. A pesquisa qualitativa está o tempo todo produzindo

conhecimento e os resultados possibilitam a construção de novas hipóteses que dão origem a novas produções.

A escolha da epistemologia qualitativa neste trabalho se deu por identificação pessoal com a metodologia, mais principalmente por permitir o estudo de aspectos da subjetividade humana. Tenho o desejo de trabalhar com crianças na clínica e já tive algumas experiências nesta área. A partir destas pude perceber a extrema importância, para a compreensão do sofrimento da criança, o conhecimento da configuração subjetiva em que esta se vê inserida.

## **2. CENÁRIO DA PESQUISA**

Baseado na elaboração de sentido que se dá na relação entre pesquisador e pesquisado, o presente trabalho utilizou os princípios da Epistemologia Qualitativa como caminho para levar à subjetividade de mães e pais de primeira viagem. Foram utilizados como instrumentos a conversação e o complemento de frases. A escolha da conversação enquanto instrumento se deu devido à relação que este instrumento permite construir na pesquisa, possibilitando que o pesquisador trate de assuntos delicados e obtenha respostas com sentido subjetivo do participante, o que não acontece com a entrevista. Já o complemento de frases foi escolhido devido à facilidade com que revela aspectos subjetivos de diferentes áreas da vida dos indivíduos pesquisados.

## **3. INSTRUMENTOS**

Os instrumentos na pesquisa qualitativa são formas de estimular a expressão dos sujeitos, buscando dimensões inacessíveis e permitindo ir mais além do que foi explícito e intencional. Isso é possível porque o pesquisador analisa não só o que o sujeito disse, mas também em que contexto disse. O pesquisador é também parte do estudo, a forma como se estabelece o vínculo é essencial para definir o envolvimento do sujeito com o instrumento utilizado. Porém o principal instrumento da pesquisa qualitativa é o diálogo, a fala. É através dela que o sujeito permite acesso à sua subjetividade. Mesmo utilizando técnicas, o objetivo que se tem é suscitar novas zonas de sentidos, e que o sujeito fale a respeito delas. Segundo Minayo (1998) :

*O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade da fala ser*

*reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio econômicas e culturais específicas (p.109).*

Essa citação remete ao que já foi dito anteriormente, onde o sujeito através de sua subjetividade individual remete a valores sociais e culturais, transmitidos através da subjetividade social, e assim revela o grande privilégio que a pesquisa qualitativa proporciona, o estudo amplo do sujeito, em todas as suas dimensões. E este estudo está em constante mudança, pois esta interação social e individual se configura a cada relação do sujeito. No caso da presente pesquisa foram utilizadas duas técnicas, a conversação e o complemento de frases, os quais serão tratados mais detalhadamente a seguir. A escolha destes instrumentos se deu por serem técnicas de diferentes formas, uma oral e a outra escrita, o que possibilitou um envolvimento do sujeito numa reflexão crítica da sua própria experiência, ampliando a gama de suas respostas.

### **3.1 COMPLEMENTO DE FRASES**

Esta modalidade instrumental teve sua origem em técnicas projetivas. Rotter propôs, na década de 50, que a partir de pequenos trechos, os quais os indivíduos deveriam completar, os mesmos estariam expressando questões e queixas presentes em sua personalidade. Na década de 70 González Rey passou a empregar esta técnica de forma que conseguia atingir áreas e aspectos distintos da vida do sujeito com maior rapidez, promovendo a expressão do sujeito em diversas zonas de sentido.

Este instrumento consiste na elaboração, pelo pesquisador, de frases incompletas, de temas gerais e específicos que se deseja observar, aos quais o sujeito pesquisado deve responder de acordo com sua própria subjetividade. Segundo González Rey (2005) :

*O complemento de frases é uma rica fonte de indicadores e seu valor como instrumento está na possibilidade de elaborar um sistema de hipóteses que se integram e marcam o curso da produção de informação; algumas destas hipóteses serão abertas somente a partir de uma frase ou*

*uma única relação entre frases. O valor das hipóteses produzidas no curso do instrumento está na possibilidade de enriquecê-la e ir se aprofundando nelas ao longo do processo de pesquisa (p.59).*

Nesta citação González Rey trás a idéia de instrumento com o qual a pesquisa qualitativa trabalha, e com o qual o complemento de frases é utilizado, onde as respostas do sujeito possibilitam o aprofundamento do pesquisador na subjetividade. Esta técnica deve ser utilizada em um momento onde o vínculo entre pesquisador e pesquisado já tenha sido estabelecido, o que facilita a expressão da subjetividade por parte do indivíduo. É por isso que foi utilizada também com o instrumento a conversação, na busca de ampliar a expressão da subjetividade do individuo e de certa forma os resultados da pesquisa.

A quantidade de frases elaboradas deve sempre ser ampla, de forma a não tratar diretamente do assunto, visto que frases diretas produzem respostas esperadas e trechos que tratam de assuntos não ligados ao tema da pesquisa atingem campos subjetivos, por exemplo no caso desta pesquisa, tópicos como “Ser mãe é...” produziram respostas conscientes enquanto “ O futuro...” poderá dirigir para a expressão do sentido subjetivo da maternidade.

O complemento de frases é um instrumento gerador de amplas construções teóricas a partir do pesquisador, e que pode ser instigador de verdadeiras linhas de pesquisa. Segundo González Rey (2005, p.176) “é essa capacidade geradora o maior indicador de sua viabilidade, que se traduz na produção permanente de novas ações associadas à pesquisa e aos diferentes campos de atividade profissional”.

### **3.2 CONVERSAÇÃO**

Este instrumento depende diretamente da qualidade do vínculo que é formado entre pesquisador e pesquisado. A boa relação constrói uma atmosfera onde o sujeito se sente à vontade para se posicionar diante dos instrumentos utilizados. A conversação em que existe intimidade entre os participantes aproxima a relação de pesquisa da relação da vida cotidiana, gerando uma co-responsabilidade, onde tanto sujeito quanto pesquisador se sentem parte do processo, facilitando a expressão das necessidades e interesses de cada um. González Rey (2005) escreveu:

*A conversação é um sistema no qual os participantes se orientam em seu próprio curso e em que os aspectos significativos aparecem na medida em que as pessoas envolvidas avançam nas suas relações. As coisas não estão nem podem estar definidas a priori, pois cada novo momento do processo pode representar um diferente sentido subjetivo dos participantes, fato que demanda formas de expressão em conformidade com o sentido subjetivo experimentado neste momento (p.50).*

Nesta citação o autor critica a entrevista em que se leva um questionário previamente preparado, o sujeito segue as perguntas que lhe são feitas e o pesquisador não leva em consideração o momento presente onde outras questões subjetivas também estão sendo levantadas e que suas respostas seriam de grande contribuição para o resultado da pesquisa. E trata o grande objetivo da pesquisa que é a co-construção da informação.

#### **4. DEFINIÇÃO DE SUJEITOS PARTICIPANTES**

Na pesquisa qualitativa, escolher quem ou quantos sujeitos serão estudados independe de um *a priori*, o importante é que se estude o fenômeno e a forma como o sujeito o apresenta ao pesquisador e juntos, pesquisador e pesquisado, vão dando forma, refletindo e questionando todo o material que vai surgindo ao longo do processo, construindo novas informações ou conhecimentos.

No caso desta pesquisa, o sujeito foi convidado individualmente através de carta-convite. Num primeiro encontro foi utilizada a conversação para que o vínculo entre pesquisador e pesquisado fosse estabelecido, criando um ambiente mais acolhedor. Num momento seguinte foi aplicado o complemento de frases, e após o preenchimento algumas de suas afirmações foram questionadas no intuito de complementar a pesquisa.

#### **5. DESENVOLVIMENTO DA CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO**

A construção da informação é considerada o momento mais complexo da pesquisa qualitativa, afinal nasce diante de uma cultura empirista e que ainda hoje exhibe sua força, que abandonar a descrição dos resultados é uma tarefa que exige um certo esforço por parte dos pesquisadores. Para a epistemologia qualitativa o pesquisador deve estar atento a toda informação

que surja durante a conversação, pois como já foi dito anteriormente, nem toda informação fica clara no primeiro momento, as palavras vem na maioria das vezes carregadas de sentidos subjetivos e de configurações subjetivas que precisam ser percebidas para que no momento de construção da informação possam ser produzidos modelos teóricos partindo do que foi gerado, tanto na conversação como, no caso desta pesquisa, do complemento de frases.

## 5.1 INDICADORES

É o uso de indicadores na construção de hipóteses que torna possível visualizar os conteúdos subjetivos que o sujeito revela indiretamente durante a pesquisa. São estas hipóteses que desenvolvidas darão origem aos modelos teóricos elaborados no momento empírico da pesquisa. Porém é importante que fique claro que embora os indicadores sejam apenas hipóteses, eles devem ser elaborados a partir da informação trazida pelo sujeito. Segundo González Rey (2005, p.138) “o pesquisador compromete-se com seu pensamento no decorrer da análise e esse compromisso o conduz a formular hipóteses e categorias que lhe permitem significar seus pensamentos”. O que González Rey vem comprovar nesta citação é o que já vem sido dito no presente trabalho, o compromisso que deve ser feito entre pesquisador e pesquisa, o que promoverá o sucesso da construção da informação.

No processo de produção da informação, os indicadores tomados em separado não apresentam nenhum valor, estes devem estar dentro de seu contexto para se tornar parte deste mesmo processo. A inter-relação de indicadores pode conduzir à construção teórica de novos problemas e categorias. Sobre isso González Rey (2002) diz:

*O indicador representa sempre um momento dentro de um processo, em que indicadores precedentes passam a ser elementos de sentido dos conseqüentes, integrando-se todos no sentido que adquire qualquer interpretação realizada durante o processo de pesquisa. A definição de um indicador constitui um momento qualitativo que permite a definição de uma nova opção na construção do conhecimento. Nesse aspecto, a definição de um indicador é o começo de um caminho que pode conduzir tanto à mudança do problema abordado, quanto à configuração de novos instrumentos (p.113-114).*

Os indicadores que caracterizam qualquer pesquisa do estudo da subjetividade humana, são aquilo que possibilita ao pesquisador gerar novas representações acerca do fenômeno estudado. O movimento empregado na pesquisa qualitativa é devido a esta possibilidade de inter-relação que os indicadores promovem.

## 5.2 NÚCLEOS TEMÁTICOS

Para González Rey a definição de categorias é essencial para a pesquisa qualitativa. Ele acredita que como se trata de um processo de produção de conhecimento em constante desenvolvimento, a pesquisa só pode avançar dentro da integração e da generalização, que seriam as categorias.

As categorias são elaboradas simultaneamente com os indicadores, para que não se percam informações ao longo da pesquisa e os resultados caiam no que já é conhecido. E assim, da mesma forma que os indicadores, as categorias se entrelaçam num intercâmbio de informações que dão origem a outras categorias, que por sua vez vão moldando o produto final da pesquisa. Final, não no sentido de finalizar, pois a pesquisa qualitativa proporciona a construção de novas zonas de sentidos que muitas vezes não foram pensadas *a priori* e que podem dar origem a novos objetos de estudo.

González Rey (2002, p. 125) lembra que “a pesquisa é dirigida para produzir resultados empíricos a serem explicados em tal ou qual sistema de categorias, mas não para produzir categorias. Essa situação leva ao paradoxal fenômeno de que as pesquisas não sejam fonte de elaboração teórica (...)”. A pesquisa qualitativa não visa elaborar conceitos e enquadrar os indivíduos neles, essas categorias devem ser vistas apenas como ponto de partida para o que se quer estudar, e como forma de compreender a particularidade e singularidade de cada indivíduo. E muitas vezes o estudo do indivíduo permite que se conheça também o comportamento do grupo, afinal a subjetividade do indivíduo é construída através de suas relações, assim como a subjetividade social é construída com a contribuição de cada indivíduo.

## CÁPITULO EMPÍRICO

### 1. LÓGICA CONFIGURACIONAL

Segundo González Rey (2002), os processos de construção da informação podem partir de dois processos, a indução e a dedução, que por sua vez seguem uma linearidade que resultará na legitimidade da informação. Nesta pesquisa será utilizado o conceito da lógica configuracional, um conceito complexo que ainda está em desenvolvimento, mas que “coloca o pesquisador no centro do processo produtivo e se refere aos diferentes processos de relação do pesquisador com o problema pesquisado” (p.127) isso o diferencia do processo de indução e dedução.

O pesquisador, de forma criativa, organiza os dados da pesquisa em eixos de produção teórica que vão se interligando à teoria do assunto estudado. Desta maneira o pesquisador abre mão da postura isenta e passa a integrar a construção da informação de maneira participativa, aliando isto aos fatos reais estudados. Para González Rey (2002):

*A ciência não é o seguimento do caminho puro e ascético de uma lógica programada nos fatos, ou na mente do pesquisador, como sugerem as alternativas empiristas e racionalistas, mas é um processo complexo que envolve o pesquisador de forma simultânea em diferentes dinâmicas contraditórias, das quais só pode sair por meio de elaboração de opções que lhe permitam atribuir sentido a determinadas áreas dessas dinâmicas, cujo desenvolvimento conduzirá de forma progressiva a outros aspectos do estudado, o que leva ao estabelecimento de uma outra teoria (p.128)*

O autor sugere nesta citação o abandono do pensamento empirista, onde o pesquisador se mantém isento para não contaminar os dados e apóia a construção de hipóteses, pelo pesquisador, que permitam a elaboração de sentido do material subjetivo estudado, através de dados e indicadores. Estes por sua vez configuram uma característica da epistemologia qualitativa, o movimento, no qual os indicadores permitem que se criem outras categorias, muitas vezes não determinadas no início da pesquisa.

## **2. A LEGITIMIDADE DO CURSO DE PESQUISA**

A validação do conhecimento é uma questão importante para toda a ciência. Esse valor atribuído à validade foi se enraizando a partir do paradigma positivista, onde toda afirmação deveria ser confirmada pelos dados. No caso da epistemologia qualitativa muitos teóricos ainda se questionam a este respeito, e acreditam que o termo validade não é adequado, por isso usam a palavra legitimidade em seu lugar. Segundo González Rey (2002, p.134), “a legitimidade do conhecimento se dá quando uma teoria pode avançar na construção teórica do que estuda, conservando sua continuidade e congruência”, ou seja: a legitimidade do conhecimento se dá quando a teoria consegue se relacionar com outras zonas de sentido e assimila novas informações sem perder as antigas. E assim cabe citar González Rey (2002):

*O pesquisador como sujeito ativo, criativo, que constrói todo o tempo as experiências que enfrenta no processo de pesquisa, faz deste um processo vivo e diferenciado, impossível de ser legitimado na “objetividade” das informações produzidas, pois estas se integram permanentemente no marco teórico diferenciado que se constrói no processo de produção teórica (p.136-137)*

Os indicadores e a lógica configuracional estabelecidos pelo pesquisador são os responsáveis pela construção da informação, e são esses aspectos subjetivos do estudo que produzem a legitimação da produção teórica, representando a área da realidade em que se encontra.

## **3. APRESENTAÇÃO DO CASO**

O sujeito desta pesquisa tem 30 anos de idade, é do sexo feminino. Nasceu em João Pessoa, mas ainda pequena veio para Brasília com a família e desde então reside na cidade. É casada há dois anos, sua primeira e única filha completou um mês recentemente. É médica, sua especialidade é gastro-pediatria, no momento está de licença maternidade e nos próximos 10 meses não voltará a trabalhar pois está indo acompanhar o marido na Espanha. Ele já está lá há um mês para fazer o mestrado e viajou cinco dias após o nascimento da primeira filha do casal.

Durante este primeiro mês, em que esteve sozinha com o bebê, a mãe teve o apoio da família nuclear e também de alguns membros da família do marido. Duas semanas após nossos encontros viajou para a Espanha, pois esperava apenas que a filha completasse um mês.

Sua gravidez não foi planejada. Logo que casou parou de tomar pílula anticoncepcional e acreditava que teria dificuldade para engravidar, pois é portadora da síndrome dos ovários policísticos. Por dois meses não menstruava e acreditava ser alguma disfunção hormonal devida à sua síndrome; continuou fazendo exercícios na academia como de costume e mesmo assim foi ganhando peso. Todos da família diziam para ela fazer o exame a fim de saber se estava grávida, mas ela não queria criar expectativas. Antes do carnaval do presente ano, ela e o marido iriam fazer uma viagem ao exterior, então para evitar qualquer transtorno durante a viagem resolveu fazer o exame de sangue (Beta HCG Quantitativo). Quando recebeu a notícia da gravidez, relata ter sentido um misto de felicidade e medo de não ser capaz.

A gravidez correu de forma tranqüila. Ela relata que se sentia “inchada”, gordinha, e que no início era difícil se perceber grávida, “o corpo muda mas não se pode sentir o bebê”. Diz ser frustrante ver as roupas apertarem e não poder malhar para não ficar com aquela barriga, e principalmente que para os outros não fica claro se é gordura ou gravidez. Ela diz ter se sentido “feiazinha”, mas que por isso fazia questão de comprar roupas bonitas, arrumar o cabelo e sempre fazer as unhas. Nos primeiro três meses ela continuou na academia, só que de maneira leve, disse ter medo de machucar o bebê. Nos meses seguintes entrou na hidroginástica e fez ioga para gestantes, o que segundo ela foi também uma terapia de grupo. Além das mudanças corporais, o que mais a incomodou neste período foi à náusea matinal, que atrapalhava até mesmo no trabalho, fazendo-a sentir-se indisposta por toda manhã.

Quanto ao sexo do bebê, no início tanto a mãe quanto o pai desejavam que fosse um menino, e até mesmo acreditavam nisto. Para ela, ter um menino significa ver seu pai feliz, afinal ele só tinha tido filhas meninas. Todas as consultas eram motivo de ansiedade, primeiramente para saber que tudo estava bem, que o coração estava batendo e depois para saber o sexo do bebê, segundo ela dependendo do sexo, muda o jeito de imaginar, de fazer projetos. Ela relata que ao saber que era uma menina “teve que virar uma chavinha na cabeça”, mas que a partir daquele momento já começou a imaginar a roupinha do balé, fitas e laços na cabeça e a idéia os deixou maravilhados. Durante a gravidez disse que até podia imaginar sua filha vestida de bailarina, dançando no palco, e que seria ótimo poder “brincar de boneca” enfeitando sua menininha.

Foi durante a gravidez que recebeu a notícia que o marido havia sido aprovado para o mestrado na Europa, e já no final da gravidez soube da data do início do mestrado. Isso foi motivo para muita ansiedade, pois gostaria de ter um parto normal e a filha deveria nascer antes da data da viagem do marido, o que segundo o médico não era a data prevista para o nascimento. A saudade que sentiria do marido, enquanto estivesse esperando que sua filha completasse um mês para ir ao encontro dele, e como seria o parto também eram motivos de ansiedade. Se preocupava se teria depressão pós-parto, pela ida do marido logo após o nascimento da filha, se saberia cuidar dela sozinha, e várias outras apreensões comuns à gravidez.

As expectativas em relação a como seria o bebê foram muitas, ela diz que imaginava que a filha fosse parecer com o pai, e que agradecia sempre a Deus, pela Sua bondade que permitiu que o amor dela e do marido fosse capaz de gerar uma criança linda e saudável. Pedia em suas orações que pudesse educá-la dentro dos princípios cristãos, ensinando-lhe a ser bondosa, amável e caridosa. Seus princípios religiosos estiveram presentes durante toda a conversa. Ela diz o tempo todo que deseja ser uma boa mãe, que possa fazer sua filha feliz, impondo limites para que ela se torne uma mulher de personalidade firme e de caráter íntegro, da mesma forma como ela se define. A mãe relata que sua filha veio coroar o amor dela por seu marido, e que se sentia mais família hoje porque ela nasceu.

O nascimento não foi da maneira que imaginava. Apesar de ter dado tempo para que o marido acompanhasse o parto antes de sua viagem, ela esperava ter um parto normal mas o parto teve que ser cesariano, pois não teve a dilatação necessária. Ela diz que sente orgulho por ter tentado o parto normal, por ter segurado a onda e agüentado as dores. Diz que a maior surpresa que teve com o nascimento foi a enormidade do amor que nasceu naquele momento pela sua filha.

Após o nascimento seu marido ficou ainda no Brasil por cinco dias, e passou ao seu lado o que ela relata ter sido o momento mais difícil. No dia seguinte que foram da maternidade pra casa, sua filha teve febre e chorava sem parar. Ela disse que sentia um desespero em vê-la chorar e não saber o que fazer. O casal resolveu então levá-la ao hospital, no meio do caminho a neném se acalmou e eles com medo de passar vergonha no hospital por uma besteira voltaram pra casa, no dia seguinte ela continuou com febre e chorando, foram então ao hospital. No hospital descobriram que o motivo do choro e da febre era desidratação, a mãe relata que foi desesperador saber que sua filha estava desidratada e que seu leite não estava sendo suficiente, uma sensação

de fracasso. A menina ficou internada por dois dias e seu marido ficou ao lado delas o tempo todo.

Quando o marido viajou, ela disse que a cada cólica do bebê ela se desesperava e chorava junto com sua filha, relata não ter tido depressão pós-parto, porque Deus não permitiu, mas que agora a ansiedade é outra, a ida para a Europa. Durante o final da gravidez e no pós-parto, esta mãe e seu marido ficaram nas casa dos pais dela, visto que tiveram de vender o apartamento deles devido à viagem do marido, e esta teve o apoio constante da família nuclear, até o dia da viagem dela e da filha para Europa.

#### **4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS/ UNIDADE DE ANÁLISE**

##### **UNIDADE DE ANÁLISE UM:**

###### **1. Eu gosto**

De viver.

###### **2. O tempo mais feliz**

Sempre o hoje e o agora.

###### **3. Gostaria de saber**

Esperar.

###### **4. Lamento**

Nada.

###### **5. Meu maior medo**

Solidão.

###### **6. As mulheres**

Fortes.

###### **7. Não posso**

Ficar sem Deus.

###### **8. Sofro**

Com saudade.

###### **9. Fracassei**

No primeiro vestibular.

## **10. O sucesso**

Minha família, minha profissão.

Na análise das questões de um a dez foi possível inferir que o sujeito tem uma representação positiva de sua imagem, quando na questão um retrata que gosta “de viver” e quando fala sobre as mulheres na questão seis, diz que são “fortes”, de forma que revela um gosto por sua vida e retrata uma característica para as mulheres que ela mesma atribui a si. Foi durante a conversação que ela relatou ser muito forte, e que no momento do parto sentiu as dores sem reclamar pois era o que queria, um parto normal. Mas ao mesmo tempo em que reflete uma imagem positiva de si, mostra-se bastante exigente consigo mesma quando na questão nove relata seu maior fracasso ter sido “não ter passado no primeiro vestibular”. Afinal, ela já está formada há algum tempo, é bem sucedida profissionalmente, como ela mesma retrata na questão 10 quando diz que seu sucesso é “a família e a profissão”.

Nas questões dois, quatro e sete pode-se perceber um pensamento religioso, o sujeito diz na questão dois que o tempo mais feliz para ela é “o hoje e o agora”, na questão quatro que não lamenta “nada” e na questão sete que ela não pode “ficar sem Deus”, de forma a revelar um agradecimento a Deus por tudo o que Ele lhe dá, sem lamentar pelo o que deseja e pelo que passou, é como acreditar que Deus dá tudo o que é necessário para se viver no presente momento e que sem ele não se pode viver.

Como seu marido viajou logo depois do nascimento do bebê e isso foi objeto de muita ansiedade para ela, ela representa isso em seus complementos de frases, como nas frases três, cinco e oito, em que diz querer saber “esperar”, ter medo da “solidão” e sofrer com “saudades” respectivamente. Revelando uma dificuldade que pode ter gerado a ansiedade na gravidez, como o inesperado, o não saber se o nascimento do bebê seria a tempo do marido ainda estar no Brasil, e o ter que esperar o momento para saber realmente o que aconteceria, o medo de ficar só e ter que lidar sozinha com todas as dificuldades e novidades que um recém nascido pode trazer e com o sofrimento que a saudade traz, principalmente num momento em que gostaria de estar junto do marido.

**UNIDADE DE ANÁLISE DOIS:**

**11. Meu futuro**

A Deus pertence

**12. Se os homens**

Pensassem mais, o mundo seria melhor.

**13. O casamento**

Sinal de amor do Pai.

**14. Este lugar**

Bom, se for com a família

**15. Minha preocupação principal**

Ser boa

**16. Desejo**

Ser sempre feliz.

**17. Minha mãe**

A melhor do mundo

**18. Meu maior problema**

Não tenho problemas grandes.

**19. Sinto saudade**

Do meu marido, que está fora há um mês.

**20. Amo**

Viver.

Na análise dos itens 11, 12 e 13 o sujeito revela seu pensamento cristão religioso, assim como na unidade de análise um, nos itens dois, quatro e sete, e essa representação perdura por quase todos os itens do complemento de frases, assim como esteve presente da mesma forma na conversação. Nestes itens revela-se primeiramente uma educação religiosa, depois a confiança de que sua vida pertence a Deus, e que é Ele o responsável pelo seu futuro, onde inclusive seu casamento também foi um “sinal de amor” Dele. No item 12 há indicação religiosa na maneira como o pensamento se organiza, aliás em todos os itens deste instrumento que usam a palavra homem, ela direciona seu pensamento para o homem no sentido de humanidade e não de gênero, o que acredito ser um pensamento cristão.

Ao denominar este lugar “bom, se for com a família” (item 14), lembrando que o sujeito considera família como sendo ela, o marido e a filha, remete mais uma vez ao objeto de angústia e ansiedade da gravidez, a viagem para a Europa, só que desta vez a representação deste item revela uma tentativa de afirmar a necessidade da viagem, estar com a família, acompanhar a família, que neste instrumento confirmou sua grande importância e referência para o sujeito. Fica claro então que a unidade da família é imprescindível para o sujeito. Ela faz referência mais uma vez à saudade que sente do marido no item 19, dizendo sinto saudade “do meu marido, que está fora há um mês” quando ela reforça que o marido está fora há um mês ela evidencia a distância entre eles, dando uma dimensão maior à saudade que está sentindo, e à falta que ele fez nesse período em que sua participação, seu apoio eram extremamente necessários.

Os itens 15 e 16 confirmam a cobrança que o sujeito deposita sobre si mesmo, de “ser boa” e ser “sempre feliz”, colocando isso como sendo sua preocupação principal e como seu desejo respectivamente. A necessidade de corresponder às expectativas dos outros como uma boa mãe, uma boa médica, uma boa esposa e mostrar-se realizada em todos os aspectos, estando assim sempre feliz, é representação de seu subjetivo.

Quando diz que sua mãe é a “melhor do mundo” (item 17) fica configurada a identificação com sua mãe, que a apoiou neste momento em que o marido não pode estar junto, e um desejo de se tornar para a filha a mesma mãe que teve, confirmando a hipótese de que quando se tem um filho ocorre a repetição, como num espelho, dos cuidados que foram recebidos na infância.

## **UNIDADE DE ANÁLISE TRÊS:**

### **21. Em relação aos afazeres domésticos, cabe a mim**

Manter a casa organizada.

### **22. Eu prefiro**

Sorvete do que chocolate.

### **23. Meu principal problema**

As cólicas do neném.

### **24. Gostaria**

Que o mundo fosse mais feliz.

**25. Acredito que minhas melhores atitudes**

São inspiradas pelo Espírito Santo.

**26. A felicidade**

Mora dentro da gente.

**27. Ser pai**

Só não deve ser melhor do que ser mãe.

**28. Considero que posso**

Tudo naquele que me fortalece.

**29. Diariamente me esforço**

Para ser melhor que ontem.

**30. Sinto dificuldade**

A ver os que amo sofrerem

Nas questões 23 e 30 o sujeito fala a respeito de seu principal problema e de sua dificuldade, e diz que “as cólicas do neném” são seu principal problema e que tem dificuldade de “ver as pessoas que ama sofrerem”, o que reflete muito o seu momento atual, de se dedicar ao bebê e apenas a ele em tempo integral, o que é necessário para a formação do vínculo. E ver sofrer sua filha que ama tanto também a faz sofrer. Ela diz que quando vê a filha chorar de dor, chora junto por não poder fazer nada. O item 30 confirma a ligação que o sujeito tem com a sua família. Ela tem a ligação familiar inclusive como valor que será passado, tanto de maneira subjetiva como objetiva, para sua filha. Ela expressa a angústia pelas cólicas do bebê claramente como um problema, e isso pode ter uma configuração maior em seu subjetivo devido ao marido não estar presente para dar o apoio, segurança e até mesmo dividir esse problema.

No item 22 fica clara a hipótese que foi levantada na conversação. O sujeito é vaidoso e preocupado com o corpo, durante a gravidez isso foi motivo de angústia e ansiedade. O impedimento de ir à academia todos os dias, e o estar engordando sem que ficasse visível que estava grávida a incomodou. Este item revela a configuração de preferência, onde ela diz prefiro “sorvete do que chocolate”. Assim como numa dieta é necessário balancear, não se pode comer essas duas coisas juntas. A preocupação com o corpo e a estética é uma preocupação real que foi representada aqui pela sua subjetividade.

As afirmações, gostaria “que o mundo fosse mais feliz”, acredito que as minhas melhores atitudes “são inspiradas pelo Espírito Santo”, e considero que posso “tudo naquele que me fortalece” – questões 24, 25 e 28 – confirmam mais uma vez o pensamento religioso presente em suas representações. A visão de que o mundo precisa ser mais feliz, precisa de Deus, que suas atitudes são guiadas pelo espírito de Deus e que com Ele ao seu lado ela pode tudo, revelam que ela tem buscado apoio em sua religião para passar as dificuldades e o sucesso é fruto desta presença divina em sua vida.

As questões 26 e 27 revelam uma forma otimista de se levar a vida. Em toda a conversação o sujeito expressa seu otimismo, que pode inclusive ser maior devido à causalidade emprestada a religião. A confiança e segurança que ela deposita faz com que aceite mais as dificuldades e não se deixe abater por elas. No item 27 ela diz que ser pai “só não é melhor do que ser mãe”, indicando como está se sentindo diante desta nova situação, a plenitude em poder cumprir o papel da maternidade, mesmo com o marido distante e todas as mudanças que o momento atual está exigindo, além da maternidade.

Diante da viagem da família o casal teve que vender a casa e morar com a mãe dela, a configuração das tarefas domésticas então, não é uma realidade a ela, pois não tem que cumprir este papel de dona de casa. Na questão 21 ela coloca que em relação aos afazeres domésticos cabe a ela “manter a casa organizada”, como qualquer outro membro que more na casa. É necessário contar com a organização e participação de todos.

No item 29, assim como na unidade de análise dois, a mãe coloca mais uma vez a cobrança que coloca em si mesma em ser perfeita, em ser boa. Ela diz que diariamente se esforça “para ser melhor do que ontem”, numa busca diária pela perfeição e principalmente pela correção dos erros.

## **UNIDADE DE ANÁLISE QUATRO:**

### **31. Ser homem**

Imagem e semelhança de Pai.

### **32. Sempre quis**

Construir uma família, ser independente.

### **33. Me senti apoiada quando**

Fui para a maternidade, principalmente pelo meu marido.

**34. Luto**

Pra ser feliz e melhor, fazendo os de minha volta felizes.

**35. Com frequência sinto**

Ciúme, impaciência.

**36. O passado**

É professor, para não cometermos os mesmos erros.

**37. Ser mãe**

A melhor coisa do mundo.

**38. O futuro**

A Deus pertence.

**39. Farei o possível para conseguir**

Criar meus filhos com integridade e honestidade.

**40. Com frequência reflito**

Sobre o passado, para não errar de novo.

A questão 34, associada às questões 36 e 40, reforça a idéia de cobrança que já foi levantada em outras unidades, como quando diz luto “pra me sentir melhor, fazendo os de minha volta felizes”, o que configura a necessidade de agradar ao outro para que eu me sinta amada, e completa em outros dois itens, o passado “é professor, para não cometermos os mesmos erros” e com frequência reflito “sobre o passado para não errar de novo”. Ela se remete ao passado diversas vezes com o significado de erro, cobrando que o amanhã seja sempre mais perfeito, num anseio pela perfeição.

Sempre quis “construir uma família, ser independente” e farei o possível para conseguir “criar meus filhos com integridade e honestidade” – questões 32 e 39. Isso reforça valores familiares que foram passados ao longo da vida, e a necessidade de levar em frente o que foi ensinado para a filha, e até outras gerações. Quando ela fala sobre independência pode estar fazendo referência à característica de mulher como fortaleza e ao mesmo tempo a busca pela perfeição.

No item 31, mais uma vez ela traz o pensamento religioso, em que a palavra homem tem sentido de humanidade e não de gênero assim como na unidade de análise dois. Em o futuro “a

Deus pertence”, ela usa uma frase pronta para simbolizar que deposita nas mãos de Deus; porém nesta mesma unidade, quando fala do passado, coloca este como “professor”, de forma a guiar os passos para o futuro. Contradiz então a vontade de Deus que ela coloca nos itens que refletem o pensamento religioso.

Nas questões 33, 35 e 37 a pesquisada reflete o momento atual: na primeira ela coloca me senti apoiada quando “fui para a maternidade, principalmente pelo meu marido”, onde além de simbolizar a saudade que está sentindo dele, reflete a boa relação do casal, a qual foi decisiva para a formação do vínculo entre o bebê e sua mãe, e para que no momento em que o marido fosse viajar ela se sentisse menos desamparada. Sobre o que sente com frequência ela diz “ciúme, impaciência”, reforçando o que ela disse na unidade de análise um, item três, que gostaria de “saber esperar”, no momento atual pela viagem à Europa e durante a gravidez para saber o sexo do bebê, pela data da viagem do marido, pelo nascimento da filha antes da viagem do pai. Quanto ao ciúme, no momento da conversação ela faz referência algumas vezes a esse sentimento, que muitas vezes a afasta de quem ela ama, não só do marido mas até de objetos, refletindo uma característica da personalidade. Na questão 37 diz, ser mãe é “a melhor coisa do mundo”, reflete o bom relacionamento com a maternidade, o que valoriza a qualidade do vínculo entre pais e filhos.

## **UNIDADE DE ANÁLISE CINCO:**

### **41. Esperam que eu**

Esteja sempre sorrindo.

### **42. Dedico a maior parte do meu tempo**

A família.

### **43. Sempre que posso**

Rezo, canto.

### **44. Estar grávida**

Estado de graça.

### **45. Mudança**

Difícil, mas necessária.

### **46. Minha opinião**

Tem que prevalecer sempre.

**47. Penso que os outros**

Têm direito de serem aceitos como são.

**48. Família**

Razão de viver.

**49. Incomoda-me**

Não conseguir resolver algum problema.

**50. Ao me deitar**

Agradeço pelo dia e faço meus pedidos.

A religião ficou configurada em todas as unidades de análise até agora, e nessa não poderia ser diferente. Nos itens 43, 44 e 50, a pesquisada faz referência ao pensamento religioso, quando diz que sempre que pode “reza e canta” e que ao se deitar “agradece pelo dia e faz pedidos”, referindo-se à sua manifestação de fé, sendo esta sua maneira de agradecer a tudo o que atribui ser presente de Deus. Ela coloca também que estar grávida “é um estado de graça”, mais uma vez colocando sua filha como um presente, o que pode implicitamente carregar um peso de ter que cuidar muito bem, pois isso lhe foi confiado.

Da mesma forma que o pensamento religioso, aparece novamente a cobrança por estar sempre bem, sempre feliz, só que agora ela diz claramente que isso é exigido dela pelo ambiente. Infere-se então que essa regra foi internalizada e ela mesma passou a se cobrar. Ela diz esperam que eu “esteja sempre feliz” (item 41), mas ela própria também espera isso, não só os outros. No item 49 ela diz, incomoda-me “não conseguir resolver algum problema”, o que indica o porquê de querer estar sempre feliz, pois assim não tem que se incomodar. E ao mesmo tempo contradiz o pensamento religioso de confiança no futuro, de que a Ele pertence todo o cuidado e decisão, pois senão a resolução de um problema não incomodaria.

Nas questões 42, 45 e 48 de formas diferentes, a mãe refere-se à família. No item 42 ela diz dedicar a maior parte do tempo “à família”, o que é esperado diante do cenário atual onde sua filha exige atenção o dia todo, pois está abrindo mão do emprego por um período para acompanhar o marido. Ela confirma sua dificuldade em abrir mão da mudança, mas que pela família vale a pena, quando diz no item 45, mudança “difícil, mas necessária”. E por fim no item

48 onde fala da família, objetivamente ela confirma a hipótese levantada anteriormente, onde a família vem em primeiro lugar, e é de grande importância para o sujeito.

Nos itens 46 e 47 fica configurada a personalidade forte da entrevistada, minha opinião “tem que prevalecer sempre”, e no outro item ela representa seu respeito pelo outro, diz penso que os outros “têm que ser aceitos como são”.

## **UNIDADE DE ANÁLISE SEIS:**

### **51. Os homens**

Poderiam ser melhores.

### **52. As pessoas**

Podem mudar o mundo.

### **53. Uma mãe**

É um ser abençoado por Deus.

### **54. Sinto**

Deus a me impulsionar.

### **55. Os filhos**

Presente que Deus nos confia.

### **56. Quando era criança**

Era mais destemida e espontânea.

### **57. Quando tenho dúvidas**

Procuro quem ajude a saná-las.

### **58. Sempre sonhei**

Em ser bem sucedida na vida e na profissão.

### **59. No futuro**

Quero continuar sendo otimista e feliz.

### **60. Necessito**

Ser amada.

Mais vezes do que nas outras unidades de análise se configura nesta unidade o pensamento religioso. Nas questões 51, 52, 53, 54 e 55 a pesquisada conduz seu pensamento para

a causalidade cristã, como por exemplo diz que os homens “poderiam ser melhores” e que as pessoas “podem mudar o mundo”. Essa forma de pensamento indica um otimismo em relação ao ser humano tipicamente religioso, o que também mostrou ser uma característica da personalidade da mãe entrevistada. Nos itens 53 e 55, ela fala da filha como um presente de Deus que foi confiado a ela, e que por isso responde, uma mãe “é um ser abençoado por Deus” e os filhos “presente que Deus nos confia”. Essa representação de certa forma impõe-lhe responsabilidade, o que pode ser objeto de angústia e ansiedade, culpando a si mesma quando a filha está com cólica e ela não pode fazer nada. E no 54 revela o apoio que tem encontrado em Deus para suas atitudes, sinto “Deus a me impulsionar”, assim todas as mudanças estão sob o cuidado Dele.

Necessito, “ser amada”, pode revelar a configuração do sentimento de carência, necessidade de agradar outras pessoas, insegurança, ou apenas retratar um momento onde está longe do marido, e todas as atenções são voltadas para o bebê.

Nos itens 58 e 59, a entrevistada diz que sempre sonhou “ser bem sucedida na vida e na profissão”, e que no futuro “quer continuar a ser otimista e feliz”, revelando a cobrança pela perfeição, por estar sempre feliz e de bem com a vida, sem se dar o direito de que o mau humor tome conta de apenas um dia, ou que um problema interfira. Além da cobrança de ser boa em tudo o que faz. O item 59 confirma a hipótese do otimismo como característica e até mesmo como valor, pois ela deseja que no futuro continue sendo otimista e feliz. Além do otimismo, pode-se inferir através das questões 56 e 57 que o sujeito pesquisado não é orgulhoso, pois quando tem dúvidas “procura quem a ajude a saná-las” e deseja ser mais “destemida e espontânea” como quando era criança, o que pode indicar também que hoje sente medo do desconhecido e que muitas vezes necessita usar da falsidade ou mentira em algumas ocasiões, não sendo espontânea e destemida como gostaria.

## **UNIDADE DE ANÁLISE SETE:**

### **61. Meu maior prazer**

Uma taça enorme de sorvete.

### **62. Detesto**

Falsidade, hipocrisia e mentira.

### **63. Quando estou sozinho (a)**

Entro em comunhão com os santos, para não mais me sentir só.

**64. Estou melhor**

Quando estou com meu marido e minha filha.

**65. Me sinto deprimida quando**

Me sinto só ou incapaz.

**66. A profissão**

Me realiza.

**67. Meus amigos**

Tesouros.

**68. Se as mulheres**

Soubessem do poder que têm.

**69. Quando soube que estava grávida**

Misto de felicidade e medo da responsabilidade.

**70. Meu corpo**

Perfeito.

**71. Meu pai**

Tem defeitos, mas é maravilhoso.

Já nesta unidade temos representações do que foi colocado pela entrevistada como seu maior medo, a solidão. Nos itens 63, 64 e 65 ela diz respectivamente, que quando está sozinha “entra em comunhão com os santos, para não mais se sentir só”, que está melhor “quando está com marido e com a filha” e se sente deprimida quando “se sente só ou incapaz”, essas frases do instrumento representam que a religião é um apoio em momentos difíceis, como se sentir só, que estar com a família a deixa feliz, não só pela união mas por não se sentir sozinha, não ter medo e confirma a solidão como uma barreira. Se sentir incapaz a deixa deprimida pelo nível de cobrança que recai sobre ela, tanto externa quanto internamente, é provável que essa sensação atrapalhe muitas vezes sua relação com a filha futuramente, onde exigirá dela a perfeição da mesma forma que exige de si mesma.

Meu maior prazer “uma taça enorme de sorvete” (item 61) , meu corpo “perfeito” (item 70). O sujeito da pesquisa se mostrou muito vaidoso com seu corpo. A preocupação estética foi motivo de angústia durante a gravidez e acredito também ser no dia-a-dia, apesar da resposta

dada no item 70. Mais uma vez ela se coloca numa posição de cobrança, pois se seu maior prazer é uma taça enorme de sorvete e seu corpo é perfeito, ela não deve se permitir esse prazer muitas vezes para manter o corpo perfeito. Mas ao mesmo tempo sua resposta reflete uma boa relação com o corpo e uma auto-imagem elevada.

Ela diz a respeito de sua profissão: “me realiza” e completa que se as mulheres “soubessem do poder que têm”, possibilitando a existência de indicativos a respeito de sua realização pessoal, tanto profissionalmente quanto como mulher, pois ela atribui a si própria a característica da fortaleza como mulher, faz questão de passar essa imagem enquanto conversa e generaliza para o gênero feminino a mesma qualificação.

Quando questionada a respeito do pai ela diz “tem defeitos, mas é maravilhoso” (item 71). Na unidade oito será possível perceber que uma de suas maiores tristezas foi uma briga com o pai. Durante a conversação ela relatou ser muito parecida com o pai e muitas vezes cobrada por ele, e que por isso brigam. Há uma hipótese que o pai tenha cobrado dela a vida toda a perfeição e que por isso ela se cobre tanto, e ela se identifica com ele, uma prova é que o pai também é médico.

No item 69 fala da notícia da gravidez, e que quando soube que estava grávida “misto de felicidade e medo da responsabilidade”, felicidade pois era a concretização de um sonho, constituir uma família, e medo pois seria mais uma coisa para se cobrar a perfeição, um presente confiado por Deus, o qual ela deveria cuidar muito bem.

## **UNIDADE DE ANÁLISE OITO:**

### **1. Quais são as três maiores alegrias e as três maiores tristezas de sua vida?**

**Alegrias:** Formatura; Casamento e Nascimento da primeira filha.

**Tristezas:** Não passar no primeiro vestibular; Ver minha filha chorar até desidratar; briga com o pai.

### **2. As coisas que mais me agradam:**

Namorar, dançar, cantar, estar com a família, passear, viajar e conversar com os amigos.

### **3. As coisas que não gosto:**

Brigas, hipocrisias e desonestidade.

### **4. Meus maiores temores na vida são:**

Adoecer, não ver minha filha crescer, perder pessoas que amo.

#### **5. Meus maiores desejos são:**

Ser boa esposa e mãe, ser boa médica, poder ajudar.

As respostas às perguntas anteriores podem confirmar a hipótese de que o sujeito da pesquisa apresenta uma cobrança extremada pela perfeição, haja vista que ela relata como momentos de alegria acontecimentos considerados realmente importantes pela sociedade (questão um), e como momentos tristes aspectos de cobrança, como o fracasso de não passar no primeiro vestibular, a angústia de não conseguir entender o que a filha sentia e assim não ser naquele momento a mãe suficientemente boa que ela desejava ser e a briga com o pai, figura que representa cobrança para ela. Nas questões quatro e cinco ela reflete seu medo de ficar só com a perda de pessoas que ama, o medo de morrer e não conseguir cumprir sua responsabilidade de criar a filha e a cobrança que deposita em si mesma pela perfeição. Ela deseja ser boa esposa, mãe e médica e assim poder ajudar as pessoas.

### **4.1 NÚCLEOS TEMÁTICOS**

A entrevistada tem uma concepção da maternidade ligada diretamente ao pensamento religioso onde estar grávida é um “estado de graça” (item 44), uma mãe é “um ser abençoado por Deus” (item 53). Poder gerar uma criança é receber um presente de Deus e junto com esse presente vem a responsabilidade de cuidar bem e corresponder ao que é esperado de uma mãe. Percebe-se também na significação do cenário configuracional da maternidade a identificação entre mãe e filha, necessária para o surgimento do vínculo entre elas, quando diz no item 23 meu principal problema “as cólicas do neném” ela está representando que a única coisa que importa no momento são as coisas relativas ao bebê e principalmente seu sofrimento.

Outra significação presente durante todo o instrumento de complemento de frases é a religião, Deus é um porto seguro, é ele que cuida do futuro, de suas atitudes, foi Ele quem a presenteou com o casamento, com a filha, ela diz, o casamento “sinal de amor do Pai” (item 13), o futuro “a Deus pertence” (item 11), minhas melhores atitudes “são guiadas pelo Espírito Santo” (item 25). Isso reflete, além da educação religiosa que recebeu de seus pais, uma forma de atribuir causalidade a tudo o que acontece em sua vida em todas as áreas, eximindo sua

responsabilidade diante das coisas ruins que porventura possam acontecer e confiando a responsabilidade de cuidar das coisas boas que acontecem.

A mulher recebe uma configuração subjetiva de fortaleza (itens seis e 68), e talvez por isso, quando questionada a respeito do homem, ela sempre empregue o sentido de humanidade e não de gênero, esquecendo ou ignorando o papel masculino diante da sociedade. Existe também a hipótese da concepção subjetiva religiosa, onde o homem recebe o significado generalizado (questões 12, 31,e 51). Na conversação foi possível perceber que se mostrar uma mulher forte chega ser até uma preocupação. Ela disse que fazia questão de seu parto ser normal e que durante as contrações se manteve forte, mesmo sentindo muita dor e que todos perceberam sua garra, mas que infelizmente não foi possível o parto vaginal.

Foi possível perceber através da configuração subjetiva, aspectos de cobrança pela perfeição. Para estar sempre feliz, ela diz no item 41, esperam que eu “esteja sempre feliz”, o que pode revelar uma cobrança externa que foi internalizada de maneira a se tornar um valor, pois já no item 15 ela diz que sua preocupação principal é “ser boa”. Ser boa significa agradar as pessoas, corresponder às expectativas. A filha poderá no futuro se exigir da mesma maneira através da identificação e criar inclusive atritos e sofrimento, pois ninguém está feliz o tempo inteiro, ninguém corresponde sempre às expectativas da sociedade e das pessoas que ama.

A entrevistada apresenta uma boa relação familiar, com valores bem distintos. Dedicar a maior parte de seu tempo para a família e abre mão de seus sonhos em nome da família. A palavra família para ela significa seu marido e sua filha. Essa configuração fica clara em dois momentos um quando questionada sobre este lugar ela diz “bom, se for com a família” e em outro quando diz família “razão de viver”.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ficou claro nesta pesquisa que o sujeito pesquisado sofreu influência no desenvolvimento de sua subjetividade individual principalmente do contexto familiar e social, bem como na sua configuração subjetiva enquanto mãe, mulher e esposa. Enquanto mãe ela se cobra pela responsabilidade de cuidar de um presente enviado por Deus, valor esse transmitido em sua educação pela família e suas vivências sociais; sendo mulher, acredita na fortaleza que a mulher pode ser e em tudo que ela pode conseguir, conceito subjetivo construído através da identificação

com a figura materna; e por fim enquanto esposa acredita na necessidade de acompanhar o marido aonde quer que vá, mesmo abrindo mão de coisas importantes para ela, mantendo a família unida, subjetividade internalizada através de sua própria vivência familiar e valores religiosos.

Porém o que ficou mais evidente foi a cobrança pela felicidade e perfeição pessoal. A entrevistada apresenta várias vezes esta configuração subjetiva de que ela deseja e busca felicidade em todas as áreas de sua vida e por ser boa em tudo o que faz, inclusive na maternidade. Acredito que essa cobrança excedente tenha ligação com uma auto-imagem distorcida e assim a necessidade de agradar ao outro e corresponder às expectativas do outro. Isso fica ainda mais claro quando ela, durante a conversação, fala de sua preocupação com o corpo durante a gravidez e do incômodo que isto causou a ela.

Considerando o processo de co-construção entre pesquisador e pesquisado, foi possível inferir que os encontros de conversação e análise do complemento de frases possibilitaram a geração de sentido subjetivo, e puderam fazer com que a entrevistada se posicionasse e se questionasse frente a valores que a caracterizam como mãe, mulher, médica e filha.

A metodologia utilizada nesta monografia foi o que possibilitou a configuração do cenário subjetivo desta mãe e levou a pesquisadora a refletir a respeito da temática estudada, criando assim uma via de construção do conhecimento. O instrumento de complemento de frases levou a sentidos subjetivos além dos que foram construídos durante a conversação e dos que eram esperados pela pesquisadora, como configurações pessoais e não só a respeito da maternidade.

## **ANEXOS**

## ANEXO I

### INSTRUMENTOS - COMPLEMENTO DE FRASES

#### RESPONDA

1. Quais são as três maiores alegrias e as três maiores tristezas de sua vida?

---

---

---

2. As coisas que mais me agradam:

---

---

---

3. As coisas que não gosto:

---

---

---

4. Meus maiores temores na vida são:

---

---

5. Meus maiores desejos são:

---

---

#### Complete as frases:

1. Eu gosto

---

---

2. O tempo mais feliz

---

---

3. Gostaria de saber

---

---

4. Lamento

---

---

5. Meu maior medo

---

---

6. As mulheres

---

---

7. Não posso

---

---

8. Sofro

---

---

9. Fracassei

---

---

10. O sucesso

---

---

11. Meu futuro

---

---

12. Se os homens

---

---

13. O casamento

---

---

14. Este lugar

---

---

15. Minha preocupação principal

---

---

16. Desejo

---

---

17. Minha mãe

---

---

18. Meu maior problema

---

---

19. Sinto saudade

---

---

20. Amo

---

---

21. Em relação aos afazeres domésticos, cabe a mim

---

---

22. Eu prefiro

---

---

23. Meu principal problema

---

---

24. Gostaria

---

---

25. Acredito que minhas melhores atitudes

---

---

26. A felicidade

---

---

27. Ser pai

---

---

28. Considero que posso

---

---

29. Diariamente me esforço

---

---

30. Sinto dificuldade

---

---

31. Ser homem

---

---

32. Sempre quis

---

---

33. Me senti apoiada quando

---

---

34. Luto

---

---

35. Com frequência sinto

---

---

36. O passado

---

---

37. Ser mãe

---

---

38. O futuro

---

---

39. Farei o possível para conseguir

---

---

40. Com frequência reflito

---

---

41. Esperam que eu

---

---

42. Dedico a maior parte do meu tempo

---

---

43. Sempre que posso

---

---

44. Estar grávida

---

---

45. Mudança

---

---

46. Minha opinião

---

---

47. Penso que os outros

---

---

48. Família

---

---

49. Incomoda-me

---

---

50. Ao me deitar

---

---

51. Os homens

---

---

52. As pessoas

---

---

53. Uma mãe

---

---

54. Sinto

---

---

55. Os filhos

---

---

56. Quando era criança

---

---

57. Quando tenho dúvidas

---

---

58. Sempre sonhei

---

---

59. No futuro

---

---

60. Necessito

---

---

61. Meu maior prazer

---

---

62. Detesto

---

---

63. Quando estou sozinho (a)

---

---

64. Estou melhor

---

---

65. Me sinto deprimida quando

---

---

66. A profissão

---

---

67. Meus amigos

---

---

68. Se as mulheres

---

---

69. Quando soube que estava grávida

---

---

70. Meu corpo

---

---

71. Meu pai

---

---

## **APÊNDICES**

## CARTA CONVITE

Prezado Participante,

Gostaria de convidá-lo (a) a participar de um estudo conduzido como parte da monografia de conclusão do curso de Psicologia do UniCeub, pela estudante Joana Ururahy Abbott Galvão, orientada pelo Professor / orientador e Psicólogo Fernando Rey.

Nesse estudo, estarei estudando os aspectos relacionais entre mãe e filho e os possíveis fatores que colaboram para a formação do vínculo.

Sua participação será totalmente voluntária. Caso aceite participar desse estudo, será pedido a você que fale sobre suas experiências, sobre família, medos, alegrias etc. Além disso, me predisponho a dar um suporte psicológico aos participantes desse estudo, que será supervisionado pelo profissional supra citado.

Você não precisará dar informações que não queira e poderá interromper sua participação a qualquer momento. Garanto que todas as informações que possam identificá-lo (a) serão omitidas. Sua experiência pessoal será de extrema importância para esse estudo. A partir dele terei meios para analisar e enfatizar a relevância do apoio psicológico a mães e aos filhos no curso do desenvolvimento.

Desde já agradeço sua valorosa atenção e colaboração.

.....  
Joana Ururahy Abbott Galvão

## CONSENTIMENTO

Compreendo o objetivo desse estudo, como também o que é esperado por mim como participante.

Entendo que as informações por mim fornecidas serão totalmente confidenciais. Entendo também que a qualquer momento posso me retirar desse estudo.

Tendo em vista as declarações acima, concordo participar desse estudo.

Nome.....

Assinatura.....

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, M. W. ; GASKELL, G. (2002) Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Ed.Vozes.

BOWLBY, J. (2002) Apego, a natureza do vínculo. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

BRAZELTON, T. Berry & BERTRAND, G. Cramer. (1992) As primeiras relações. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

GONZÁLEZ Rey, F. L. (2002) Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios. São Paulo: Ed.Thomson Learning.

\_\_\_\_\_. (2003) Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Ed. Thomson Learning.

\_\_\_\_\_. (2005) Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Ed. Thomson Learning.

MINAYO, M. C. de Souza. (1998) O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Ed. Hucitec – Abrasco.

NÓBREGA, J. Fernando. (org) (2005) Vínculo mãe/filho. Rio de janeiro: Ed. Revinter.

QUARESMA, J. Silvia. Durkheim e Weber: inspiração para uma nova sociabilidade, o neotribalismo. Site: [www.emtese.ufsc.br/3\\_art6.pdf](http://www.emtese.ufsc.br/3_art6.pdf)

SALOMON, V. Délcio. (2000) Como fazer uma monografia. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

SCHNITMAN, F. Dora. (org) (1996) Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.

TURATO, E. Ribeiro. (2003) Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes.